

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA

OLHOS

De repente descubro

A lavada beleza de teus olhos.

(Entre mim e o sono

Trazes um sol nos lábios

E nos seios de Vênus.)

Teus olhos são como céus que choveram.

FRAGMENTOS DA PAIXÃO

I

Certo dia, no meio do caminho
que me arrastava os pés no Templo alado,
deparei junto a mim o burburinho

de um turbilhão de seres extasiado
ante a férrea, magnética presença
de alta torre de vidro. Fascinado

pelo esplendor da aparição imensa
— sombrio resplendor de negra opala —
também eu, que ao cantochão da descrença

me embalava, já cansado, já farto
de

de arrastar pelo Planeta os andrajos
de minha solidão, entrei cantando

no torvelim das almas que em ciranda,
ébricas, descendo, trêmulas, em bando,
iam o adro da Torre demandando.

Ali paramos ante os negros vidros.
Abriram-se-nos portas densamente aliciantes.
Envolveu-nos algo como um olhar pegajoso

de hipnose. Dançando ainda, entramos
nos amplos elevadores. Apertamos
os botões para o último andar. E lentamente

fomos descendo.

II

Apagaram-se os sóis. Ficamos sabendo,
sem que voz o dissesse, que a alegria
era infração à Norma. Mas autônoma,
senhora de nossos corpos, prosseguia-se a dança,
e era música o contínuo terror, o temor expectante em
que nos fizéramos,
regente atra Presença,
opressão de presentida Espreita rapinante no escuro,
surda Vibração de ala implume.
Lá fora o claro dia era um sonho remoto.
Nas trevas, no pavor, Suas invisíveis milícias,
Seus ocultos exércitos
espancavam a multidão em fuga para Nenhures.
Esquecidos na entrada os amuletos!
Total desamparo! Começava

o sem-sentido, o sem-nexo,
o mergulho real.

Eu me apagava.

III

E de repente estava só de novo,
e descia. Meus andrajos de púrpura cintilavam
torvamente. E descia.
Entre seis paredes de ar pesado,
corte vertical na rocha,
solitário descia.
Os muros me estreitavam. Eu me espessava.
E descia.

IV

Oh solidão da vida!
Oh solidão da morte!
Oh solidão amarga!

Nas paredes da rocha em descendente fuga,
vou escandindo
às pedrarias abissais, de faiscações inversas
— invertida luz, caliginosa
luz, antiluz
que só o negror desvela —,
as sílabas terríveis
do terrível grafito.

Oh! Que esperança para a humana raça
não é por estes subterrâneos astros!

V

Na Planície sinistra
cuja monotonia apenas quebra
um torvo rio, de mim mesmo apeio-me.
A atra, oculta Presença
comigo se confunde.
E solene olho em torno os meus domínios.
Glebas de solidão.
Províncias de ódio.
Sesmaria de escuro.
Céus tombados.
Sombra. Medo. Pavor. Angústia. Inferno.
E em meu Domínio eis-me senhor escravo.

Aniquila-me, ó Deus! Antes o Nada
que a privação do Sonho e da Esperança!

VI

E as falsas ascensões!... Elevadores que parecem subir
mas não chegam, não se abrem, ou sobem no vazio,
ou param ameaçadores, ou se escancaram sobre estruturas
instáveis, e despencam para um poço que tarda,
para um fim que não vem, que não vem, que não vem!

VII

Mas num relâmpago,
fugitiva fração do escoar da areia,
descuido do Diabo, após milênios,
de milênios de abismo,
de um infinito negar do clarão, da centelha,
eis que, de absconditas
nebulosas em flor desabrochada estrela,
estrela de beleza, do mistério

de ser o homem uma luz que tenta brilhar,
a Tua Face, ó Deus, lúcida Se revela!

Já não me desespera,
vislumbrado o Teu sol, Senhor, se agora,
em vez da redenção, ainda me espera
o surdo recomeça
da negra eternidade.

Daqui, do mais profundo deste inferno,
fadado ao Teu Amor,
sonho-te, ó Deus, essência cristalina.
E sei que alfim, ao fim da Eternidade,
ascendo a Ti, ascendo a Ti, Senhor!

CRIANÇA CHORANDO

Para meu filho Anderson

Teu pranto abala as raízes da noite
Tuas lágrimas reanimam a velha metáfora
e molham consteladamente o lençol.
Da obscuridade da tua fome
e do teu desamparo
clamas pelo dia, o teu dia.
quando fraldas e cueiros serão retratos esquecidos no álbum
e mamadeiras e chupetas se farão sorrir sobre outros berços.
Da noite do ventre materno saíste para a penumbra
e choras.
Tão pequeno e já franzes a testa.
Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem
e te constróis impacientemente.

SEMÂNTICA

As palavras morrem,

Virgens, de usura,

- *Fartura* –

As palavras

Finam-se de desuso.

As palavras desviam-se,

Mudam de órbita

- *Democracia* –

As palavras, satélites

Forçados a novos planetas.

As palavras ocam-se,

Deslembrados signos

- *Paz, Amor* –

Por onde o pensamento,

Como um óleo, vaza.

As palavras gastam-se,

Oxidam-se de malícia e asco

- *Liberdade! Liberdade!*

As palavras.

SONETO SEM DESPEDIDA

Para Waldemar Lopes

Buscas da infância o inexorável pomo,
pinta-lo em cores de memória, abstrato
e belo; mas, melhor que nesse cromo,
trazes no coração seu cerne, intato.

O que ganhaste em Tempo e em Ritmo exato,
dize-lo perda e no-lo dás em Nomo.
E, agora que te vais de nosso trato,
tampouco ir-te-ás quanto imaginas. Como,

da noite, a fugitiva claridade
solar dissolve em luz os tons soturnos –
permanece entre nós tua alma antiga

na dimensão do Sonho sem idade;
e, em teu Reino de pássaros noturnos,
tua presença matinal e amiga.

ANDERSON BRAGA HORTA (Distrito Federal/Minas Gerais) - Poeta, Contista e Crítico Literário. Vencedor do *Prêmio Jabuti* em 2001, com o livro *Fragmentos da Paixão* (Poesia Reunida). Boa parte dos poemas aqui publicados foram retirados da sua antologia *50 poemas Escolhidos pelo Autor* (2003).